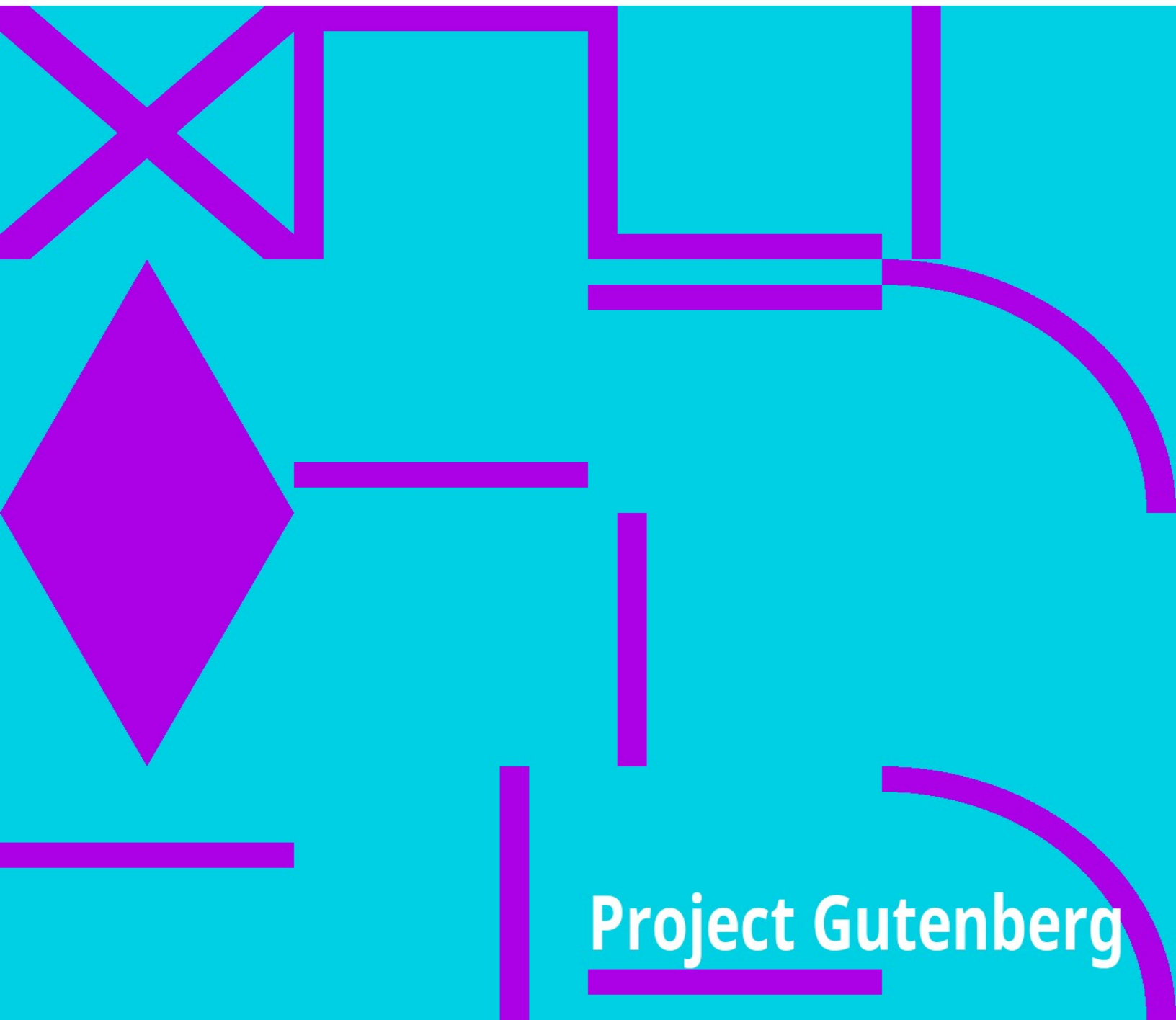


Voltareis ó Christo?

Camilo Castelo Branco

The background of the lower half of the image is a solid cyan color. Overlaid on this are several thick, vibrant purple geometric shapes and lines. These include a large 'X' in the upper left, a diamond shape in the lower left, and various horizontal, vertical, and curved lines scattered across the space, creating a modern, abstract design.

Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of Voltareis ó Christo?

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Voltareis ó Christo?

Author: Camilo Castelo Branco

Release date: June 19, 2008 [eBook #25844]

Most recently updated: January 3, 2021

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK VOLTAREIS Ó CHRISTO? ***

VOLTAREIS Ó CHRISTO?

PORTO
IMPrensa PORTUGUEZA
BOM JARDIM, 181

VOLTAREIS, Ó CHRISTO?

NARRATIVA

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTO
VIUVA MORÉ—EDITORIA
PRAÇA DE D. PEDRO
1871

Um dos meus companheiros de jornada para Villa do Conde era sacerdote idoso, de mui agradavel semblante e maviosa tristeza no olhar, contemplativo.

Os outros passageiros, gente alegre e agitada pelo trabalho intimo d'uma digestão rija, conversavam bestialmente a respeito do meu amado e honrado amigo José Cardoso Vieira de Castro.

Sem intervir nas suas disputações, escutava-os o padre attento e melancolico.

E, compadecido até ás lagrimas do formidavel infortunio que entretinha, entre chascos e insultos, aquella villanagem, eu

encarava no taciturno clérigo, e dizia entre mim: «que pensará este ancião do desgraçado môço! Por que ampara elle a fronte á mão convulsa, e despede um gemido de apparente compaixão? Quem será que lh'a inspira? Ella que morreu, ou elle que tem deante de si um arrancar da vida com agonias, cujo praso está nos segredos da morte?»

Apeamos em Moreira. Segui por debaixo das ramarias seculares que aformosentam a magestosa avenida da quinta dos Vieiras de Castro, na qual o meu amigo residira dous annos com sua esposa. Eu ia olhando para as arvores que elle amava, e cuidando que via despegar-se-lhes a folhagem que inverdecêra quando no seio d'aquelle incomparavel martyr de seu pundonor cahiram os gêlos d'um inverno sem fim.

Observei que o padre me seguia a passo lento, e com o lance vago de olhos, aquelle vêr atravez de lagrimas, o scismar triste que os infelizes adivinham.

Esperei-o.

Elle abeirou-se de mim e cortejou-me, tratando-me pelo meu nome.

Perguntou-me se n'aquella casa morára algum tempo o sobrinho do seu condiscipulo e amigo, o ministro de estado Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro.

Respondi: «Aqui viveu os mais encantados dias de sua vida.»

E, volvidos alguns segundos, prosegui animado pelo aspeito contemplativo do sacerdote: «Esta grande casa avulta-se-me como o tumulto da felicidade d'elle. Quando d'aqui sahiram as duas almas, Vieira de Castro já não era feliz. Elle tinha a intelligencia tão alta como o coração, e devia sentir-se ferido do profetico terror de vêr cair do pedestal do anjo a mulher que vestira da luz esplendida do seu amor e de toda a poesia da sua juventude. Vieira de Castro, nos mezes que viveu aqui, damnificou a sua hombridade de homem.

Como vivia absorvido em apaixonada contemplação, e do céu e da soledade se lhe augmentavam os enlevos da vida intima, o amor sopesou-lhe todas as faculdades, robustecendo-lhe a da soberba de ser amado de quem todas as mais paixões lhe pisava aos pés. A querida de sua alma não o viu descer de tão alto, até ajoelhar-se diante d'ella. Os homens d'aquella tempera, quando se arrependem de ter ajoelhado, erguem-se n'um impeto de dignidade, e quebram o idolo».

O padre fitou-me com olhar de intelligencia e commiseração. Detivemo-nos silenciosos e encostados á gradaria do portal; depois voltamos para a estação onde nos esperava a *Diligencia*.

N'este intervalo, o ancião encarou-me com tristeza e disse: «Encontrei uma vez um homem de quem ouvi palavras terriveis e absurdas contra a sociedade. Eu não podia comprehender que lampejasse luz de rasão n'aquelle homem... Reprobo diante de Deus creio eu que elle haja sido; mas integerrimo juiz dos costumes do seu tempo... isso foi elle, desgraçadamente... Quinze annos depois, as calamidades de Vieira de Castro dilucidaram-me a escuriza enigmatica do homem, que me tinha parecido um peito de ferro a desbordar de crueldade.

E, momentos depois, ajuntou: «Como V. está em Villa do Conde, disponha de duas horas inuteis, e vá á Povia, onde tomo banhos, se quiser ouvir uma historia em que apparece esclarecido o absurdo pela infernal luz que lhe derramou a catastrophe d'esse grande coração. Não fallaremos d'elle senão a sós. Eu creio que no seio de Vieira de Castro as angustias são tantas, que já lá não podem entrar os insultos d'esta sociedade... que escarnece o marido tolerante, e roça a esponja do fel pelos labios do homem que acceita o degredo —as mil dores do morrer para a patria e familia—com a condição de lhe não duvidarem da honra.

Fui.

E o padre fallou assim:

I

Congela-se-me o coração de terror quando este relance pavoroso da minha vida me lembra. Já lá vão quinze annos. Ainda agora ha noites em que a visão me sobressalta, e sempre o meu espirito se estremece com o mesmo confrangimento.

Ha quinze annos que eu pastoreava uma vigararia em Traz-os-montes.

Em um dia de dezembro de 1855 sahi da minha residencia com destino a ir consoar nos dias festivos do Natal com um abbade, meu companheiro da Universidade, o qual residia oito leguas distante. Como os caminhos eram pessimos e mal sabidos do meu creado, perdemo-nos na cerração do nevoeiro, e chegamos tarde a um córrego, cujo pontilhão a enchente havia alagado. O unico váo possivel estava legua e meia afastado.

Era ao fim do dia: seriam quatro horas e meia; mas a noite fechára-se subita, quando as nuvens se conglobaram ao poente, e uma neblina pardacenta rolou dos fragoedos das empinadas serras.

Retrocedemos assustados.

O meu creado tinha visto de passagem, por entre as brumas, alvejar uma casa grande com aspecto senhorial de torres e ameias.

Distava-nos d'alli obra de meia legua.

Ganhamos a custo a lomba da serra, onde chegamos com noite fechada. D'aqui enxergamos luzes trementes ao travez de vidraças, e ouvimos o latir de cães.

Apeei, e desci amparado no braço do creado, cujo coração palpitava de medo, não já de ladrões nem de feras; senão de fantasmas e lobis-homens, que, no crêr e dizer d'elle, eram vulgares por aquelles despenhos e selvas de castanheiros.

Consoante a minha philosophia me foi acudindo inspirativa, combati as crenças do meu pobre Manoel, cujo excellente espirito foi cedendo passo a passo á rasão onnipotente, por modo que a final incommodava-o mais a perspectiva do frio e fome que o pavor dos fantasmas e lobis-homens. Eu, n'este receio, não lhe levava vantagem em fortaleza de espirito. Figurava-se-me calamidade superior ás minhas forças o ter de pernoitar sobre um chão alagado, e sob o pavilhão de céu tão inclemente.

N'esta conjectura, ouvimos o ladrar dos cães á nossa esquerda.

Á primeira vereda que topamos, na direcção do consolativo signal de povoado, nos encaminhamos por barrocas lamacentas até entestarmos com um largo portão de quinta. Manoel aldravou com quanta força lhe déra o contentamento, e esperamos, não sem receio de que os molossos da quinta remetterssem contra nós de sobre os estrepes que vedavam o alto muro.

Do parapeito do mirante surgiu um vulto a perguntar-nos o que queriamos. Respondi que era um padre, perdido no caminho de Mirandella, e pedia ao dono d'aquella casa a caridade de me agazalhar e ao meu creado por aquella noute.

Passado largo espaço, voltou o interrogador, que nos abriu o portão depois de haver acorrentado os cães, e nos metteu á cara uma alanterna de furta-fogo, deixando vêr debaixo de cada braço uma pistola de alcance.

Aquietado pela confiança que lhe incutiu a minha cara pacifica, e a tão pacifica quanto estúpida do meu Manoel, o creado caminhou serenamente diante de nós.

Perguntei-lhe como se chamava o dono da casa. Disse-me o nome do fidalgo, e acrescentou que a fidalga estava a morrer ethica.

—N'esse caso—tornei eu—queira dizer ao snr. barão que eu não quero causar-lhe o menor constrangimento na situação triste em

que está. Basta que S. Ex.^a nos mande recolher, que nós sahiremos cedo sem perturbar o seu socêgo.

Entrei para um salão cujas alfaias eram quatro escabellos de páo com grandes armas pintadas no alteroso espaldar.

D'ahi a pouco, fui levado a outra sala mobilada á antiga com cadeiras de coiro marchetadas de pregaria amarella, á mistura com uns tremós dourados e artezoados do reinado de D. João V, segundo me quiz parecer. Das paredes pendiam nove retratos de homens, em que predominavam clérigos mitrados, e dos dois que vestiam farda agaloada com habito de Christo um dizia o letreiro que tinha sido capitão-mór.

N'esta contemplação me interrompeu o fidalgo.

Era homem de alta e direita estatura: figurava quarenta annos; tinha barbas grisalhas e grandes; ampla testa, e olhos rasgados e negros, impressivos, penetrantes, assustadores. De mim confesso que o fitava a medo, não sei porquê.

Interrogou-me gravemente sobre o ponto d'onde vinha e para onde ia. Respondi como cumpria dilatando diffusamente as respostas e circumstanciando-as para d'este modo captar a benevolencia do fidalgo que parecia escutar-me distrahido.

D'ahi a pouco disse dentro uma voz que estava a ceia na mêza.

O senhor ergueu-se, levantou um reposteiro, e obrigou-me a precedêl-o na entrada com gentil ademan de cortezão.

A meza era espaçosa de mais para quarenta talheres; mas tinha só dois.

Sentei-me na cadeira que me foi indicada, e comi com a sem-cerimonia muito conhecida dos descortezes e dos famintos.

Durante a ceia substancial, ocorreu-me perguntar-lhe pelo estado de sua esposa; todavia, conteve-me a inoportunidade da ocasião, e o receio de me demasiar em inquirir de senhora que eu não conhecia, não me sendo semelhante pergunta auctorisada pelo silencio do barão.

Finda a ceia, segui-o ao longo de um corredor, e entrei no quarto que me elle indicou, dizendo:

—Não se deite já que eu preciso talvez do snr. para um acto proprio da sua profissão.

E desandou.

Fiquei a scismar, e suggeriu-se-me logo o pensamento de que eu seria chamado a ouvir de confissão a senhora inferma.

Esperei duas horas, durante as quaes rezei as minhas rezas.

Voltou o taciturno fidalgo, e disse laconicamente:

—Ha aqui uma mulher doente que se quer confessar.

«Estou prompto a ouvil-a—respondi espantado da seccura d'aquellas palavras tão desamoraveis com respeito a uma esposa doente.

—Siga o creado que o está esperando no corredor—tornou elle.

Sahi ao corredor. O creado que me estava esperando era o mais mal encarado homem que ainda vi na minha vida. Afusilavam-lhe os olhos como brazas. A testa, unico espaço alumiado d'aquella cara barbaçuda, sulcavam-na não sei se cicatrizes, se ulcerações da morphea. A corpulencia era agigantada, e o carregar do sobrolho batia no coração d'um homem como o subito coriscar dos olhos de um tigre que rebenta d'entre os carrascaes d'um deserto. Os pintores christãos nunca souberam bosquejar Lucifer, porque

semelhante homem jámais deu nos olhos de artista, que desejasse fazer bem conhecida a plastica do diabo com feitio de gente.

Segui-o com calafrios, superiores á minha rasão que me aconselhava tranquillidade.

Hoje, volvidos quinze annos, conto isto com certo sorriso de facil coragem; mas, nos primeiros tempos, aquelle vulto andava terrivelmente associado ao quadro negro que vou tentar descrever.

II

O medonho guia mostrou-me a porta de um quarto, e resmuneou:

—Levante o fecho, e entre.

Á primeira vista o que pude extremar das trevas era um clarão azulado, como de lamparina baça, cuja claridade se esvaecia logo absorvida pela escura algidez da alcova.

Avisinhei-me a passos tremulos da lampada, e distingui um leito, e na almofada do leito um vulto. Fixei o que me parecia ser um rosto de creança, e pude entrever um semblante de mulher, com os olhos cravados em mim, olhos que vasquejavam os derradeiros clarões, olhos como devem de ser os dos spectros que surgem subitaneos nas trevas aos perversos que negam Deus e temem os espectros.

—Approxime-se, snr. A moribunda sou eu—disse ella com voz rouca, mas serena.

«Deus permittirá que V. Ex.^a esteja menos doente do que cuida—baluciei com uma especie de terror secreto, presentimento d'alma que já se doía anticipadamente da magua que se lhe ia reflectir do singular e immenso supplicio d'aquella mulher.

—Falle baixo que nos escutam—voltou ella ciciando as palavras, e esbugalhando os olhos para a porta.

«Escutar-nos!—repliquei com assombro—É impossível! Eu fui aqui enviado para ouvir-a de confissão, minha senhora...

—Bem sei; mas isso não importa... Quero que me ouça; mas muito baixinho... Vou contar-lhe a minha vida como a Deus; mas não me confesso como a um padre... É a um homem que ha de ter pena de mim, depois de me ouvir; e me ha de fazer um serviço que lhe pede uma agonizante, que crê em Deus; mas não pode crer na religião feita por homens que tem a semelhança do algoz que me mata.

Isto dizia ella de afogadilho e febril, mas com abafações e ancias augmentadas pelo medo de ser escutada.

«Mas não é em confissão que a senhora me quer revelar as culpas que lhe peçam na consciencia?!—perguntei.

—Não, snr.; eu não creio na confissão. Do mal que fiz estou perdoada; tenho soffrido todas as torturas d'este mundo; se as ha no outro, nenhuma póde assustar-me.

O meu dever seria combater a incredulidade d'esta senhora com os solidos argumentos de que dispõe a theologia contra mais poderosos adversarios; abstive-me, porém, de exacerbar o animo affligido da enferma por me parecer extemporanea a discussão e reear que o tempo escasseasse ao triumpho, nem sempre prompto, dos bons principios. Não obstante, repliquei, no intento de encaminhal-a á piedade:

«Se V. Ex.^a não quer confessar-se, diga-me que serviço posso fazer-lhe em beneficio da sua alma...

—Vá vêr se alguém nos escuta...—insistiu ella, apontando para a porta com a mão descarnada.

Fui com repugnancia, figurando-se-me que a minha posição no gremio d'esta familia sinistra ia assumindo certa gravidade e um ar de mysterio mais ou menos arriscado. Abri cautelosamente a porta,

olhei ao longo do corredor, e nada vi; salvo lá ao cabo um lampeão a tremer baloiçado pelas esfusiadas de vento que assobiava no tecto. Fechei a porta, asseverando á enferma que ninguem nos escutava. Ella então sentou-se com violento impeto no leito, aconchegou do pescoço, que transpirava, a cõlcha da cama, bebeu alguns tragos de agua, e balbuciou com anciosas suspensões:

—Casaram-me ha seis annos com este homem que me mata. Eu amava outro homem, que não teve coração nem honra que me salvasse de tamanho verdugo. Meu pae sacrificou-me, cuidando que me felicitava. O homem que eu amava deixou-me sacrificar, porque não tinha peito que supportasse o peso de uma mulher pobre. Vim de Lisboa, onde o dono d'esta casa era deputado. Vim; e, ao cabo de alguns mezes, meu marido arrependera-se de se ter enganado, cuidando que uma mulher simplesmente formosa, mas sem amor, poderia encher-lhe as ambições, e dar-lhe o contentamento que ella não tinha. Saciou-se, enojou-se, aborreceu-me. Não me deu rivaes, por que só quem ama se sente ultrajada pelas infidelidades. Eu não conheci rivaes: conheci apenas mulheres que n'esta casa valiam e mandavam mais do que eu.

Voltou á camara meu marido. Aqui fiquei, não obstante lhe pedir com muitas lagrimas que me deixasse ir vêr meu pae, e meus dous irmãos que tinham vindo da Africa, onde haviam estado alguns annos negociando. Meu marido demorou-se anno e meio em Lisboa. N'este longo intervalo chorei muito, e só deixei de chorar, quando... quando me vinguei. Comprehende-me?

«Quando se vingou? como se vingou V. Ex.^a?!—perguntei.

—Vinguei-me... mas foi a paixão que me deu forças... Houve um homem que teve por mim um grande amor e um grande dó. Amei-o. Luctei. Pedi a Deus que me ajudasse, que me fortalecesse. Pedi á alma de minha honrada mãe que me amparasse... pedi a meu marido que me deixasse ir para si ou para a companhia de meu pae... Nem Deus, nem minha mãe, nem meu marido me valeram... Succumbi... A minha culpa foi cega. Confiei-me d'uma creada que tinha chorado comigo. Fui atrainçoadada. Meu marido teve denuncia da

minha queda, e appareceu aqui inesperadamente. Nada me disse. Tratou-me com a mesma frieza, com o mesmo desprezo. Não estranhei. O homem, que eu amava, era ainda parente d'elle e estudava em Coimbra. Tinha coração cheio de ancias e desejos da morte. Compreendeu este infeliz que meu marido desconfiava. Quiz fugir comigo para Hespanha, e eu resisti, mais por amor d'elle que do meu credito. O meu cumplice não podia com o encargo, e iria viver ou morrer miseravelmente em paiz estranho.

Passados dias, deixei de ter noticias d'elle. Imaginei-o já em Coimbra, posto que não fosse tempo de aulas. Correram trez mezes. Nova nenhuma. A criada que me fallava d'elle, recebido o premio da traição, tinha fingido que sua familia a chamava. Só então ouvi dizer a outra criada que o parente de meu marido desapparecêra sem dizer a ninguem o seu destino; e que a familia d'elle vivia consternada com tal successo, enviando a toda a parte indagações inuteis.

Seis mezes depois que meu marido voltára de Lisboa, soube eu que se estava preparando este quarto por sua ordem. Vim vêr as obras, e perguntei-lhe para que era o armario estreito que se estava fazendo n'esta parede e para que eram as grades na janella. Meu marido respondeu: «Sabel-o-ha brevemente.»

Concluidas as obras, vi que a minha cama era para aqui mudada, com tudo que me pertencia.

Uma noite, meu marido conduziu-me a este quarto. Fechou-se por dentro e disse-me: «A senhora entra aqui d'onde nunca mais sahirá; e para não estar sósinha, aqui lhe deixo uma adoravel companhia com quem póde conversar á sua vontade.» E, dizendo isto, abriu aquelle armario, e apontou para um esqueleto, dizendo: «Aqui tem o seu amante. Abrace-se n'elle até ficar reduzida ao estado em que lh'o offereço para que o possa gosar com toda a liberdade.»

Eu cahi por terra sem sentidos—proseguiu ella, limpando as lagrimas, e aspirando com força—Quando voltei á vida, cuidei que sahia d'um sonho. Ouvi dar meia noute. Era tudo escuridão n'este

quarto. Apalpei á volta de mim. Não conheci onde estava. Continuei apalpando. Pousei as mãos n'uma coisa fria e aspera que estremeceu. Recuei horrorizada... Eram ossos... eram as costellas do esqueleto. Então acordei... então me fugiu outra vez a razão com um grito do peito dilacerado. Cahi outra vez para diante com a face de encontro aos ossos frios, horivelmente frios...—

E ella estralejava com os dentes convulsos, e apertava a roupa no pescoço. Apoz longo espaço, proseguiu:

—Ao romper do dia, abri uma janella com o proposito de me suicidar. Dei com a face nas grades. Lancei-me á porta que estava fechada por fóra, e gritei por soccorro. Abriu-se. Vi um creado com um aspecto ameaçador, impondo-me silencio. Este creado era um criminoso que meu marido acolhêra para o salvar da justiça que o perseguia. Era esse mesmo que o trouxe aqui ha pouco. É o unico ente vivo que eu vejo ha dois annos duas vezes por dia, quando me traz alimentos. Foi elle quem matou e espedaçou aquelle infeliz...

E, dizendo, apontava para o armario do esqueleto. Continuou:

—Eu quiz suicidar-me pela fome. Não pude. Quando as agonias da morte começavam, eu lançava-me vertiginosamente sobre a comida, e devorava-a sem a consciencia do que fazia. D'outra vez consegui com um garfo romper uma veia; mas o sangue estancou; senti ancias mortaes; envelheci; desfigurei-me, segundo o que sinto, se palpo o meu rosto; que eu ha dois annos me não vi n'um espelho... Não consegui morrer. Voltei-me para Deus com rogos, com desesperadas supplicas. Orei muito, chorei muito, e obtive um grande beneficio. Cahi n'um desalento, n'uma somnolencia de moribunda que durou não sei se dias se annos. Depois, quiz levantar-me d'este leito, e já não pude. Comecei a pedir a Deus a morte, e a sentil-a avisinhar-se pela mão da divina caridade. Ha de haver trez horas que entrou aqui o confidente do meu carrasco perguntando-me se me queria confessar. Fiquei espantada da religião d'estes algozes, e respondi que sim; mas o que eu queria, snr. padre—ajuntou ella estendendo para mim impetuosamente os braços—era pedir-lhe que depois da minha morte, faça saber a

meus irmãos este miseravel fim que eu tive, para que elles me vinguem...

Acabava a infeliz de proferir estas palavras em voz mais desafogada, quando a porta que eu havia fechado por dentro se abriu impellida por um valente encontro.



Era o marido.

Faiscavam-lhe ascuas de rancor os olhos injectados. Crispavam-se-lhe os beiços retrahidos. A colera engasgava-o a ponto de tartamudear estas vozes ejaculadas a trancos:

—Seus irmãos que venham cá e eu lhes contarei a vida da sua honrada irmã!

E ella cobriu os olhos com as mãos, e resvalou para dentro da roupa, como se desejasse cahir na sepultura.

Eu caminhei placidamente para aquelle homem terrivel, abeirei-me d'elle que me fitava com sobranceria, ajoelhei e disse-lhe com a voz tremente de lagrimas:

—Perdõe-lhe. Deixe-a morrer em paz. Deixe-a experimentar os beneficios da sua compaixão para implorar confiadamente os da misericordia divina.

Encarou-me d'um modo indefinivel. Sahiu do quarto, e, já fóra, murmurou seccamente:

«O snr. padre recolha-se ao seu quarto.

Relancei um derradeiro olhar para o leito: não a vi; mas ouvia o soluçar alto e cavernoso do peito que se esphacellava.

Mal entrei ao quarto onde havia de pernoitar, rebentaram-me as lagrimas copiosas. Levantei a Deus o espirito repassado de terror e compaixão, pedindo-lhe que despenasse a penitente, ou radiasse luz de commiserção em tão carniceiras entranhas.

N'este lance entrou elle, assentou a mão direita sobre o meu hombro, e disse:

«Aquella mulher vociferou uma infamia digna da sua deshonra, se quiz desculpar o seu crime com as infidelidades de que me accusa. A mulher que se vinga do marido, prostituindo-se, cavou a sepultura, e espera que a sociedade ou o marido a sepultem. Eu não a matei. Encarreguei o esqueleto do homem, que a deshonrou, da missão de a ir matando lentamente. Olhe que eu amei aquella mulher. Não a seduzi, não a illudi, não a fascinei, nem a disputei a outro. Pedi-a a seu pae. Elle consultou-a, ou fingiu que a consultava, como quer que fosse, esta mulher veio risonha para os meus braços; chamou-se com orgulho a baroneza de ***; mentiu-me cem vezes accusando-me de ingrato ao seu coração que me estremecia. Afinal, esta mulher crê ainda imperfeita a sua vingança, e na hora extrema invoca os irmãos para que a vinguem. De quê? de que hão de vingal-a os irmãos? De eu lhe haver matado o amante? Que me responde a sua christã philosophia?

—Que o terror que V. Ex.^a me incute não me deixa atinar com palavras que o commovam...—Balbuciei.

«Mas responda, snr.!

—Respondo ajoelhando novamente a supplicar-lhe o perdão da culpada.

«Não posso!—bradou elle—Ha dois annos que não sahi de dia d'esta casa, receando que todos saibam da minha deshonra. Não posso perdoar-lhe sem que a providencia me desopprima do vexame do meu opprobio!

—Seria generosidade havel-a matado...—interrompi.

«Bem sei—redarguiu elle—bem sei. Ella soffria cinco minutos de castigo, e eu ficava soffrendo uma vida inteira de vergonha. Eram supplicios incomparaveis! Alem de que, se eu a houvesse esmagado debaixo do pêso da minha affrontosa desgraça, o mundo sanctifical-a-ia, lavando-lhe com hypocritas lagrimas os ferretes da cara para que se attendesse sómente ás manchas de sangue nas minhas mãos de assassino... Comprehende isto, padre? Conhece bem a sociedade em que toda a infamia é uma convenção, e toda a honra de marido que se desaffronta ha de lutar depois com a deshonra irritada dos maridos esporeados pelo zelo devassissimo das esposas? Conhece o mundo como Christo o encontrou ha 1855 annos? Sabe o que veio fazer Jesus Christo á terra?

—Morrer pela redempção dos que o mataram, snr.

«Não o percebo!—exclamou elle com um formidavel brado, e sahiu do quarto...

Eu não pude adormecer. Parecia-me ouvir um gemido longo confundido com o sibillo do nordeste no entravamento da casa. Rezei muito por ella.

Ao alvorejar da manhã, vi um creado que perpassava no corredor. Perguntei-lhe a que horas se erguia o fidalgo. Respondeu-me que se havia deitado um quarto de hora antes. Pedi-lhe que mandasse o meu criado sahir do seu quarto, e fizesse ao dono da casa os meus cumprimentos com os mais ardentes protestos de eterna gratidão.

Despedi-me assombrado d'aquella casa, onde se respirava um acre nauseativo de cadaveres. Ardia-me o peito e a cabeça por tal sorte que eu não sentia a chuva glacial d'aquella manhã de 24 de dezembro de 1855.

Fecho a minha historia com a pedra que cobriu o cadaver da baroneza de ***. No dia 27 de dezembro me disseram uns pastores convisinhos que a fidalga morrêra á hora em que as familias honradas e felizes se ajunctavam para receberem as benções dos

seus anciãos, e commemorarem com sanctos jubilos o nascimento do divino Redemptor.

Agora dir-lhe-hei qual era o paradoxo, que tal se me figurou ha quinze annos. Aquelle cruelissimo homem tinha-me dito: *Se eu a houvesse esmagado debaixo do pezo da minha affrontosa desgraça, o mundo sanctifical-a-ia lavando-lhe com hypocritas lagrimas os ferretes da cara, para que se attendesse sómente ás manchas de sangue nas minhas mãos de assassino.*

Ora eu entendi a profunda verdade d'esta clausula depois que Vieira de Castro, ao cahir agonisante sobre a terra onde tem de vasquejar largos annos, matou a esposa, porque a cingia apaixonadamente nos braços da sua alma. Morreu-lhe o coração. Ella não teria morrido, se o infeliz a podesse arrancar de lá antes de cahir.

Concluida a narrativa, o sacerdote deteve-se olhando contra o mar que mugia funebremente nos fragoedos socavados. Depois, levantando para o céu os olhos humidos e as mãos trementes, disse:

«Meu Deus, enviae segunda vez á terra o vosso divino Filho! Esta negridão gentilica é peor que a de ha dois mil annos. N'aquelle tempo esperava-se; nas entranhas sociaes estremecia o presentimento d'um regenerador... Hoje em dia, nada, nada, ó altissima Providencia! Nada! Mas... voltareis, ó Christo?

E proseguiu, corridos instantes:

—Que haverá já agora n'esta vida que possa levantar a alma do seu amigo?

«O esteio da dignidade.

Conheci-o quando os horisontes da vida se lhe prefiguravam e realisavam em risonhas prosperidades. O destino, como forçado pelo talento, ajoelhava-lhe. Não o admirei então, senão por que felicidade e genio pareciam dar-se as mãos e concertar-se no plano de o exalçarem onde raro em Portugal subiram grande espirito e grande coração.

Hoje cerram-se contra elle injurias e trevas.

A luz do seu honrado infortunio é um reverberar sinistro d'uma estrella funesta, cuja claridade lhe banhará a sepultura por esse viver das gerações além. A posteridade de seus irmãos irá ahi retemperar sentimentos de pundonor; e os descendentes de meus filhos cuidarão que me vêem absorto entre elles defronte das cinzas de Vieira de Castro.

Vae-se-lhe a vida diluida em lagrimas de sangue. Vae. Mas a pagina que deixa dirá que a onda da corrupção quando chegou até elle, desfez-se-lhe aos pés. Se a onda lhe revolveu e abriu a terra da sepultura, aqui ou em Africa, não importa.

Prouvera a Deus que elle não chorasse a felicidade que lhe mataram! Sobre quem mandará Deus que caiam as lagrimas que Vieira de Castro ha de chorar por sua mãe e irmãos? No dia em que elle sahir para Africa, as almas compassivas irão ás egrejas pedir ao Altissimo que alumie o seio do degradado com um raio de misericordioso alento...

Deixal-o ir.

Deixal-o esconder-se dos olhos d'esta aviltante piedade que deixou de o apedrejar quando o viu perdido.

Loura creança que eu vi, ha vinte annos, alumiada pelas ultimas alegrias da fugitiva infancia, prouvera a Deus que o sepulcro de teu pae se te abrisse então.

Os embriões das tuas alegrias da juventude esmagou-os a pedra que desceu sobre o seio onde se perderam os thesouros que haviam de completar a felicidade da tua alma.

O teu coração, aos desoito annos, abafava em si as amarguras da soledade, retrahia-se em devorantes desejos do amor de familia, a paixão santa, unica e profunda que eu te conheci.

Quem imaginou que tu choraste amarissimas lagrimas n'aquella tua casa triste que demora solitaria entre duas serras?

No mais verde dos annos, abalisaste os teus anhelos juvenís entre umas arvores que teus avós plantaram; e alli, sósinho, esperaste que a Providencia te deixasse reflorir uma primavera na alma.

O teu formidavel espirito reagiu contra a mais crua sorte que ainda fadou uns vinte annos relegados d'esse gosar commum que permite a cada homem sentir o alvorejar dos affectos e as musicas do céu que embalam a alma para sonhar venturas.

Tu não as sonhaste quando o coração desbordava de seiva para renascer de suas mesmas cinzas, se a perfidia o cancerou com a sua peçonha.

Um dia, já tarde, amaste pela primeira vez, quando te deu de rosto e te cegou a luz funesta que desce do céu com os anjos despenhados.

Quando baixaste a face até ao chão onde ajoelhavas em adoração de creança que beija os labios de sua mãe, em adoração

de pae que aconchega no seio as mãos de sua filha, sentiste que a deshonra te cravava as garras, e te desentranhava do peito a alma, e t'a expunha em pelourinho infame aos insultos dos que passavam.

Tu não podias ajustar ás faces a mascara que te offereciam as mãos infames da tolerancia.

Ao teu rosto não podiam sahir as lagrimas faceis das almas vulgares por que era sangue, era a vida toda que te haviam arrancado.

E tu premeditaste!.. Oh! não premeditaste nada, infeliz!

Quem contará as horas, os periodos de infernal duração que passaram na tua vida?

Curvaste-te sobre o teu abysmo; e ali quedaste empedrado até que resvalaste nas fauces da voragem.

No teu baque levaste contigo um cadaver que te abrira o golphão com as mãos ainda quentes dos teus beijos.

Não premeditaste nada, infeliz.

Cada minuto que ia passando estalava-te uma fibra da alma, queimava-te uma particula do cerebro, escaldava-te em veneno dilacerante cada lagrima que te refluia dos olhos.

Não era somente a honra perdida que te excruciava; era a mulher idolatrada que ainda vivia e já te pezava morta no coração.

Ao passo que a mão de ferro da desgraça te batia no seio, tu ias acordando ao estrondo horrivel. Cada instante era o precursor de novas trevas que se iam condensando, era o bago da areia que ia cahindo, era uma esperança derruindo depoz outra, era o ir-se toda a alma espedaçada até esvasiar-se o peito de lagrimas, e encher-se de rancor inexoravel, espicassado pela deshonra e ingratitude.

Oh! tu não premeditaste nada, infeliz!

Os que delinquiram premeditando, não dizem á justiça humana:
«Aqui estou! condena-me!»

FIM.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK VOLTAREIS Ó
CHRISTO? ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away

or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in

the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it,

you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™
Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of

computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.